

4/6/2024

O sumiço de um rim no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) tem sido destaque no noticiário em todo o Brasil. Após passar dias em busca de tratamento na rede pública do Distrito Federal, Emídia Nunes Chavante Oliveira, de 74 anos, morreu no HRT, em 31 de março de 2024. Depois da autópsia, a família ficou surpresa ao constatar o sumiço do rim esquerdo dela. Sofrendo com enjoo, tontura e dores na barriga e nas costas, Emídia foi atrás de atendimento em 27 de março, mas só foi internada no hospital três dias depois. De acordo com a família, houve negligência e demora. Após a internação, Emídia passou por tomografia que, além de mostrar os dois rins, apontou acúmulo de líquido no abdome e na pelve. Por volta de 1h de 31 de março, Emídia sofreu uma parada cardíaca. Foi reanimada e colocada em

ventilação mecânica por 28 minutos. Depois, sofreu uma nova parada. Tentou-se a reanimação por mais 45 minutos, sem sucesso. O óbito foi constatado às 2h17. Segundo os parentes, o HRT informou que a causa da morte foi infecção urinária, mas a certidão de óbito apontou "morte por peritonite aguda fibrino purulenta, devido a diverticulite perfurada de colo sigmóide, em portador de hipertensão arterial e diabete melito". Ou seja, infecção causada por fezes e urina na região abdominal, após perfuração interna. De acordo com os parentes, eles não conseguiram ver o corpo no hospital. Além disso, houve resistência ao pedido de autópsia, e funcionários da Secretaria de Saúde teriam insinuado que a mulher morreu de Covid, o que impediria a análise. Após muita insistência e com a comprovação de que a mulher não estava com Covid, o procedimento foi realizado em 2 de abril. O laudo do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO) apontou a ausência do rim. No entanto, de acordo com a família, a tomografia computadorizada feita no próprio HRT cita "rins tópicos, de contornos, dimensões e atenuações habituais". A imagem mostra os dois órgãos. Exames de 2016 também comprovariam a presença de ambos. Emídia não era doadora de órgãos, e a família não foi procurada para a possibilidade de doação nem autorizou tal procedimento. A família registrou ocorrência na Polícia Civil (PCDF) e solicitou explicações da Secretaria de Saúde. A Secretaria de Saúde do Distrito Federal afirmou que "a hipótese levantada é de que possa ter ocorrido uma atrofia do órgão devido a um processo infeccioso, comum em pacientes diabéticos com histórico de infecção do trato urinário, o que pode levar à diminuição de volume do rim". A pasta acrescentou que "não houve sinais de extração do órgão, o que foi confirmado pela ausência de cicatrizes ou evidências cirúrgicas no período da internação, sendo o caso objeto de um inquérito policial que vai apurar o ocorrido".

Texto: Francisco Welson Ximenes
Foto: Internet